



EDITORIAL

O CORPO, A VACINAÇÃO E A LIBERDADE

Chegado novembro, quando na UMinho as aulas e os testes presenciais decorrem a velocidade de cruzeiro, eis que em vários países europeus se adensam as tensões em torno da vacinação contra a Covid. O espectro da doença regressa. Na Áustria, em particular, o governo assumiu medidas drásticas, tornando a vacina obrigatória e provocando tumultos diversos. Talvez os “brandos costumes” portugueses expliquem a adesão quase maciça às doses de vacinação, tanto às duas primeiras como à(s) que se anuncia(m), embora tal não pareça livrar-nos das dificuldades pré-vacinação dos dois invernos anteriores. Neste contexto, pedimos a uma Investigadora do CEPS algumas luzes sobre o debate filosófico em torno da autodeterminação e do direito ao corpo. I.E.

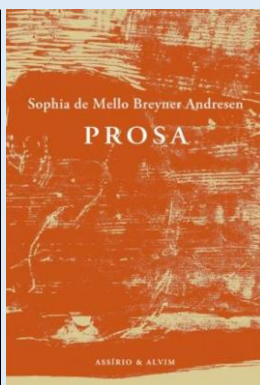
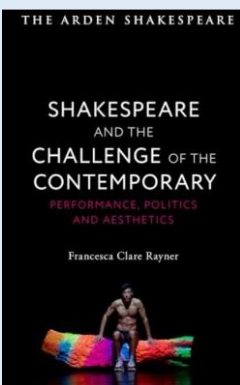


Adaptado de Christopher Weyant (Boston Globe)

LANÇAMENTOS

DE SHAKESPEARE A SOPHIA

Da autoria de Francesca Rayner (DEINA), acaba de vir a lume, pela editora Bloomsbury (London / New York), *Shakespeare and the Challenge of the Contemporary: Performance, Politics and Aesthetics*. Outro membro da ELACH, Carlos Mendes de Sousa (do DEPL), acaba também de editar, com Maria Andresen Sousa Tavares, a obra completa em prosa de Sophia de Mello Breyner Andresen, com a chancela Assírio & Alvim.



EVENTOS INTERNACIONAIS

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO PROJETO NETLANG



Nos dias 11 e 12 de novembro, o projeto FCT “NetLang: Discurso do Ódio Online” ([VER](#)), coordenado por Isabel Ermida (em baixo, à esq^a) e Idalete Dias, reuniu internacionalmente toda a sua equipa internacional num conjunto de sessões teórico-laboratoriais sobre o uso de ferramentas digitais para a análise, linguística e não só, de *corpora* de linguagem natural. Como orador convidado esteve o Prof. Pascual Pérez-Paredes (Univ. Cambridge, terceiro na 1^a fila), que falou sobre “Corpus Linguistics Approaches to Discourse Analysis” e também sobre “Corpus Linguistics Tools and Applications”.

Outras sessões, que decorreram no Laboratório de Línguas (em baixo, à dir.^a), incluíram tópicos como “From Data to Knowledge: Digital Literacy at the Service of Corpora” (Paulo Martins), “NetLangEd: Editor to Support Comment Analysis (Rui Miranda), “Online SoBa: Online Social Behaviour Analysis” (Paulo Mendes) e “How to query the Netlang Corpus” (Filipa Pereira), os quais constituem os projetos de tese de alunos de Mestrado ligados ao projeto.

CONFERÊNCIA FINAL DO PROJETO WOMANART



Teve lugar, nos dias 18 e 19 de novembro, aquele que foi o epílogo das atividades de um projeto financiado pela FCT, sob a coordenação de Ana Gabriela Macedo (à esq^a): “Mulheres, Artes e Ditadura” ([VER](#)). O evento contou com palestras de Paulo de Medeiros (Univ. Warwick), Pamila Gupta (Univ. Witwatersrand), Margarida Calafate Ribeiro (Univ. Coimbra), Regina Dalcastagnè (Univ. Brasília), Elena Brugioni (Univ. Estadual de Campinas) e Rui Miranda (Univ. Nottingham) e três sessões

de comunicações em torno de tópicos como a produção artística portuguesa e brasileira em domínios como a arte digital, o cinema, a fotografia, a literatura e o teatro, bem como sobre a teorização da ditadura, do colonialismo e da diáspora (à dir.^a, Amélia Carvalho). O encontro contou também com três mesas redondas que reuniram investigadoras (Ana Paula Ferreira, Ellen Sapega, Giulia Lamoni, Joana Passos [à dir.^a, em baixo], Márcia Oliveira e Simone Schmidt), artistas visuais (Ana Vidigal, Emília Nadal, Irene Buarque e Mónica de Miranda), escritoras (Ana Cristina Silva, Ana Luísa Amaral, Djaimilia Pereira e Vera Duarte) e realizadoras (Flávia Castro, Luísa Sequeira e Susana Sousa Dias). A apresentação de um documentário e dos filmes *Natureza Morta*, de Susana Sousa, e *Deslembro*, de Flávia de Castro, bem como um concerto por Luca Argel, completaram um ambicioso programa multidisciplinar em que confluíram teoria e práticas artísticas no feminino.



A CORRESPONDÊNCIA ENTRE ESCRITORES EM ANÁLISE



Sob o mote “*Nem todas as cartas são ridículas*”. Escritores e correspondência: da pena à *pen*”, decorreu a 25 e 26 de novembro o XXIII Colóquio de Outono, promovido pelo Grupo Poéticas em Língua Portuguesa (Ana Ribeiro, à dir^a na imagem de cima), do Centro de Estudos Humanísticos da ELACH. Para além das palestras de Paula Morão (UL) e Abel Barros Batista (UNL, imagem do centro, à dir^a), o encontro contou com seis painéis em que investigadores de universidades portuguesas e brasileiras, entre os quais Cândido O. Martins (UCP, imagem inferior à esq^a) e Alexandra Lopes da Cunha (PUCRS, à dir^a) confrontaram perspetivas em torno das dimensões autobiográfica e literária da correspondência de escritores, sem esquecer o aproveitamento ficcional da carta no romance epistolar. O evento incluiu ainda a apresentação do livro *Correspondência: Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Ricardo Jorge*, por Manuela Gouveia Delille e Isabel João Ramires (UC), assim como a evocação do centenário de Carlos de Oliveira.



SEMINÁRIOS AO LANCHE

DISCURSOS E AQUISIÇÃO

Os Seminários ao Lanche regressaram no presente ano académico a 16 de novembro, com

a análise dos discursos de tomada de posse presidencial, levada a cabo por Kátia Lopes (CEHUM, Grupo de Investigação em Pragmática, Discursos e Cognição – PRADIC, à esq^a na imagem de cima), e com o estudo de Zulfa Omar Said (CEHUM, Grupo de Investigação em Linguística Teórica e Experimental – LTE, à esq^a) sobre a aprendizagem do português como língua estrangeira quando o suaíli e o inglês são línguas prévias, realizado com aprendentes de português na Universidade Estatal de Zanzibar e no Center of Foreign Relation em Dar-es-Salaam.



OPINIÃO

VACINAÇÃO: ENTRE AUTONOMIA E PATERNALISMO

Por: Patrícia Fernandes (CEPS)

Em termos bioéticos, a discussão sobre a obrigatoriedade da vacinação deve ser enquadrada num paradigma formado no século XX. Em resultado das experimentações levadas a cabo durante a Segunda Guerra Mundial (cf. julgamento de Nuremberga), dos escândalos médicos das décadas seguintes (cf. caso Tuskegee) e dos avanços científicos que levaram a uma reflexão sobre os limites da ciência (cf. clonagem), amadureceu aquilo que designamos como o *paradigma da autonomia*.

Esse paradigma, centrado na dignidade humana, convoca os valores kantianos e do liberalismo filosófico para defender o valor intrínseco da vida

humana e o seu direito à autodeterminação – pelo que todas as intervenções médicas e farmacológicas passam a depender do consentimento livre e informado do indivíduo. Tal significou uma mudança profunda: passamos de um paradigma de *paternalismo médico* (o médico como autoridade máxima) para um paradigma em que o paciente é colocado no centro da decisão médica.

Esta mudança representou um aprofundamento dos ideais democráticos, levando à multiplicação dos espaços de decisão individual. E naquele mundo pré-pandémico que nos parece já tão distante, a questão passou a ser: uma vez que a obrigatoriedade da vacinação colide com o princípio da autonomia, como *convencer* as pessoas a vacinarem-se?

Chegados a 2021, tudo parece estar em causa: embora as consequências da doença não sejam tão graves como as de pandemias anteriores, os

efeitos emocionais e económicos numa sociedade tão globalizada levaram muitos a considerar a obsolescência do paradigma da autonomia. Parecem, assim, dispostos a defender a obrigatoriedade da vacina contra a covid-19 (apesar de todas as suas limitações), alimentando uma ilusão de *busca do tempo perdido*.

Em termos políticos, os estudos têm revelado uma tendência clara: a pandemia enfraqueceu as democracias. Os estados de emergência multiplicaram-se, os direitos foram suspensos, os líderes mais autoritários aproveitaram para reforçar os seus poderes, os líderes menos autoritários aproveitaram para manipular as suas populações. E a obsessão com a imposição da vacina tornou-se mais um sintoma de uma crise civilizacional, em que o receio da morte e da doença nos leva a abdicar dos princípios de democracia liberal. Mas tal não deve constituir uma surpresa: os filósofos chamam-lhe *natureza humana*.

À CONVERSA

...COM SUSANA FARIA



Secretária de Escola na ELACH desde 2017, Susana Faria tem acompanhado, durante dois mandatos presidenciais, uma fase vibrante de grandes desafios conjunturais.

1. Como resumiria o seu percurso profissional na Universidade do Minho antes do atual cargo?

Desde 1998 que sou colaboradora da Universidade do Minho, tendo passado pelo Dep. de Polímeros da Escola de Engenharia e posteriormente pela Reitoria. Durante este percurso, aproveitei para concluir a minha formação académica.

2. De que modo a sua formação a auxilia no exercício das funções de Secretária de Escola?

A Licenciatura em Engenharia e Gestão de Sistemas de Informação atribui competências profissionais em diversas áreas, desde a tecnologia à gestão. Além disso, proporciona também o desenvolvimento de *soft skills*, fundamentais ao exercício de uma função de liderança a este nível. Saber ouvir e dialogar são para mim duas características importantíssimas para estas funções. Só assim é possível trazer o melhor de cada um em prol do coletivo, fazendo do todo mais do que a soma das partes.

3. Como descreveria a transformação da ELACH ao longo dos seus 5 anos de colaboração?

Não lhe chamaria transformação, mas sim uma evolução, ou adequação, do funcionamento da Escola em termos administrativos aos desafios que nos têm sido colocados ao longo do tempo. Questões como redução de recursos obrigam-nos a ser criativos e a promover o trabalho em equipa por forma a responder de forma mais eficiente, mantendo sempre o nível de satisfação esperado.

4. Que desejos profissionais acalenta?

Desenvolver mais competências na área de *coaching*, que me permitam continuar a contribuir para a melhoria do funcionamento da ELACH.

5. O que tem o seu cargo de melhor e de pior?

Todos os dias são diferentes e desafiantes. Não me posso queixar de monotonia. De pior são só as 8 horas de trabalho que não chegam para as solicitações.

6. Qual o seu maior desafio?

O maior desafio é manter as equipas motivadas para o bom desempenho das suas funções.

7. Um momento marcante da sua vida, uma viagem, um livro...

O nascimento da minha filha; um cruzeiro que fiz nas Caraíbas; *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.